OS FATORES GERADORES DO INSUCESSO NO APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS[1]

Haroldo Ribeiro da Silva[2]

RESUMO: Discute a problemática em torno do aprendizado de Língua Inglesa no Ensino Médio nas escolas públicas tomando como referencial de pesquisa as instituições de Humaitá – Amazonas e enfatiza as razões do insucesso observado, sobretudo no conhecimento demonstrado pelos alunos que, após cinco ou seis anos em contato com este idioma, ainda não conseguem desenvolver de forma satisfatória as competências mínimas exigidas para a comunicação em língua inglesa. No decorrer do trabalho, são mostradas as razões tanto de cunho teórico como pratico, embasados nos estudos feitos para este fim, que apontam para o insucesso nos processos de ensino e de aprendizagem desta língua estrangeira moderna. Mostra, também, que no Brasil já houve momentos em que o ensino do inglês já obteve maior êxito do que na atualidade. Por último, apresenta propostas que podem fazer com que o ensino da Língua Inglesa possa ser inovado e produza resultados mais satisfatórios.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. Sucesso e insucesso na aprendizagem. Metodologia do ensino de Línguas Estrangeiras.

1 INTRODUÇÃO

No histórico do ensino das línguas estrangeiras no Brasil, a Língua Inglesa, destacada de todas as outras pelo tempo em que tem permanecido no currículo escolar dos sete últimos anos da Educação Básica, tem experimentado momentos de grande sucesso e também de relativo ostracismo em mais de 200 anos, desde que foi instituída no sistema público de ensino.[3]

Este estudo tem como finalidade abordar duas questões relacionadas a esta temática, enfocando o processo de aprendizagem da língua inglesa tanto no seu momento de glória tanto quanto no período de decadência.

Tratar do insucesso no aprendizado de um componente curricular implica abordar, também, os mecanismos envolvidos no processo de ensino. Entretanto, a pesquisa bibliográfica sobre o ensino da Língua Inglesa como componente curricular ao longo de mais de um século nos mostrou que muito dos fatores que geraram o

---

[1] Artigo científico apresentado à banca de examinadores do Curso de Letras da UFAM/IEAA como requisito obrigatório da disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), ministrada pelo professor José Amarino Maciel de Brito, para a obtenção de grau.

[2] Acadêmico do Curso de Letras da UFAM/IEAA.

[3] O ensino formal da língua inglesa no Brasil teve início com o decreto de 22 de junho de 1809, assinado pelo Príncipe Regente de Portugal, que mandou criar uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa.

sucesso obtido com o ensino desta língua deveu-se a políticas educacionais mais sérias empreendidas pelos governos que atuaram no país.

O ensino que foi promovido com a administração do Estado primou, nos últimos tempos, mais pela economia do que pela qualidade. Assim, o ensino de idiomas foi paulatinamente perdendo seu valor até chegar aos dias atuais, quando a sua eficácia é claramente demonstrada como pífia.

Nossa pesquisa nas escolas revelou estes números na opinião de quem foi mais prejudicado por todo este processo de regressão, como será demonstrado adiante neste trabalho acadêmico.

Embora tenhamos levantado os dados em Humaitá, no sul do Amazonas, no resto do país pouca coisa muda, pois ensinar inglês nas escolas públicas é um desafio que faz do profissional da área um fator de desânimo em relação ao que se encontra nas salas de aula na grande maioria do Brasil.

O insucesso revelado nos vestibulares e testes em geral realizados em todo o país revela a face de um grande problema que tem seu início nos primeiros momentos do contato do aluno com a disciplina de Língua Inglesa.

2 SUCESSO E INSUCESSO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Inicialmente, devemos estabelecer quais as bases conceituais em que nos respaldamos para afirmar que o ensino de uma língua estrangeira possa ser classificada como bem ou mal sucedido.

Para definir o que é sucesso, encontramos as seguintes referências: “aquilo que sucede” (HOUAISS, 2001); “êxito e bom resultado” (BORBA, 2002); enquanto que insucesso, como mero antônimo do primeiro termo, ainda é citado como “mau resultado” (AURÉLIO, 2004), falta de sucesso, mau êxito e fracasso (BORBA, 2002), e falta de sucesso, mau resultado, malogro e fracasso (HOUAISS, 2001)

Neste estudo, nós adotaremos a concepção dada por Aurélio (2004) que também encontra ecos nos outros dicionários, assumindo a feição neste trabalho como “bom resultado” para definir o resultado final dos processos de ensino e de aprendizagem que se apresentem de forma satisfatória, ou seja, que garantam um mínimo de aprendizagem para que o aluno de língua inglesa possa entender e se expressar neste idioma, a partir dos tópicos estudados em sala de aula.

O insucesso[4], por outro lado, é usado ao longo deste artigo com a conotação dada por Houaiss (2001) como “mau resultado”, para definir o estado de nulidade em relação ao resultado final dos processos de ensino e de aprendizagem, ainda que o aluno alcance a sua progressão para a etapa seguinte mediante processos avaliativos formais.

Para entender o porquê do insucesso no aprendizado da língua inglesa, nós enumeramos cinco itens, considerados fundamentais por muitos estudiosos desta área, para a obtenção do seu correspondente oposto. Assim, a inexistência ou deficiência de um ou mais destes itens é fator gerador do insucesso no aprendizado da língua inglesa.

Aos agruparmos estes fatores em cinco itens, determinamos, *a priori*, que todos os demais fatores geradores de insucesso não constantes deste grupo seriam posteriormente inseridos no grupo a que ele estivesse mais aproximado. Só a título de ilustração, a indisciplina não consta como um fator de insucesso isolado, pois é decorrente da falta de interesse do aluno pelo conteúdo ensinado, e este, por sua vez, vem inserido no item ‘falta de estímulo’.

Os cinco grupos em que se agrupam estes fatores são:

- metodologia
- material didático
- estímulo
- ambiente apropriado e dotado de recursos de apoio
- distribuição correta do tempo e da quantidade de alunos

Os PCNs/LEM para o Ensino Médio estabelecem algumas diretrizes e vários aspectos importantes para que o professor de Língua Inglesa possa obter sucesso com o ensino desta língua.

> [...] orientar e mediar o ensino para a aprendizagem do aluno; comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento cultural; desenvolver práticas investigativas; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe. (PCNs/LEM, 2000, p. 240)

[4] Preferimos usar o termo ‘insucesso’ em vez de ‘fracasso’ por considerarmos que este último traz consigo um peso pejorativo e de reforço amplamente negativo no contexto escolar.

2.1 A metodologia como fator gerador de sucesso

A metodologia do ensino, embora não responda sozinha pelo sucesso da aprendizagem de uma língua estrangeira, conta muito para que o aluno possa aprender um idioma de forma satisfatória.

Atualmente, acredita-se que somente as abordagens comunicativas devam ser empregadas nas aulas de LEM, em detrimento daquelas abordagens que enfatizavam apenas a gramática, a tradução e a memorização através da repetição mecânica. Os PCNs/LEM (2000), por sua vez, falam de novas metodologias e sugerem que as práticas que levem os alunos a memorizarem vocabulários não sejam desprezadas.

> As novas metodologias de ensino e aprendizagem de língua estrangeira têm criticado justificadamente treinos mecânicos e repetitivos para simples estocagem de informação. Não se deve, todavia, diminuir a importância da memorização que se baseia em processos analíticos, significativos e contextualizados de aquisição do conhecimento, nem as atividades reforçadoras do aprendizado. (p. 119)

Para que possa se atualizar, o professor de LEM deve fazer cursos de formação continuada na área em que atua, pois somente assim poderá obter o aperfeiçoamento de que necessita. Os PCNs/LEM (2000) reforçam esta questão da seguinte forma:

> O acesso aos conhecimentos produzidos pela investigação acadêmica, nas diferentes áreas, possibilita manter-se atualizado e competente para fazer opções de conteúdos, metodologias e organização didática do que ensina. Esse lado da atualização específica é o melhor uso que se pode fazer de programas regulares de capacitação disponíveis nas redes escolares, que o professor deve buscar de acordo com seu interesse. Também para isso deve ser apoiado pela escola. (p. 243)

Dentre as metodologias empregadas no ensino de línguas, citamos abaixo as cinco mais comumente usadas:

O método gramática-tradução, mais antigo, porém ainda em voga, baseia-se no ensino da gramática explícita e da tradução de textos.

O método direto surgiu como uma proposta inovadora ao método gramática-tradução. Seu uso data do início do século XVI. Nele, as aulas são dadas na língua alvo. O professor não faz traduções e nem enfatiza a gramática

O método da leitura, que se expandiu pelas escolas secundárias dos Estados Unidos na década de 1930, permaneceu até o fim da II Guerra Mundial. Ele se baseia no estudo da língua para a proficiência em leitura e compreensão de textos. A oralidade não é explorada.

O método audiolingual foi uma reação dos próprios americanos contra o método de leitura. Surgiu durante a II Guerra Mundial quando o exército americano precisava de falantes fluentes de várias línguas estrangeiras e não os encontrou, a solução foi produzir esses falantes de maneira mais rápida possível. Este método consiste basicamente no ensino da língua de forma oral. Despreza a tradução e a gramática. Hoje, ele ainda é usado por alguns cursinhos de inglês, a exemplo do CCAA, FISK e outros.

O método natural tenta explicar na sala de aula a teoria de Stephen Krashen, conhecida como Modelo do Monitor ou Modelo de Input. Com este método, o professor deve trabalhar as quatro habilidades comunicativas na seguinte ordem: compreensão auditiva, fala, leitura e escrita. É chamado de natural porque reproduz a seqüência com que todos os seres humanos desenvolvem a fala na infância e são alfabetizados na fase da pré-adolescência.

O método funcional ou abordagem comunicativa surgiu nos anos da década de 70 e ganhando força total nos anos 80; procurou, com seu enfoque, não ser extremista. A maior preocupação com o uso da língua como comunicação surgiu a partir de pesquisas mais recentes nas áreas de psicolingüística, sociolingüística, filosofia da linguagem e teoria da informação. Este método tem sido empregado por vários cursos livres de idiomas na atualidade. O Yázigi o emprega sob o título de método nocional-fiuncional, isto é, o ensino da língua através de funções (como perguntar horas/como dizer as horas; como perguntar a procedência de alguém/ como dizer de onde você ou outra pessoa é etc).

Enquanto os cursos livres e as escolas da rede privada se valem dos métodos mais recentes, a escola pública ainda continua com os dois métodos mais antigos. Isto, em parte, explica o porquê do insucesso no aprendizado da língua inglesa nos dias de hoje, apesar de que, no passado, eles se mostraram eficientes. É inegável que eles tenham produzido bons falantes do inglês nos últimos séculos. No caso da escola pública, a questão do método é crucial, uma vez que o professor sequer tem a vaga noção de que método se vale em suas aulas. Daí, seu trabalho segue desnorteado e o professor desorientado.

2.2 A importância do material didático para o sucesso na aprendizagem da língua inglesa

Por muitos anos, o ensino da Língua Inglesa no Brasil não fora apoiado por um livro didático fornecido pelo Poder Público aos alunos das escolas da rede pública. Somente os alunos das escolas da rede particular estudavam a língua inglesa com livros didáticos. Logo, o livro didático de Língua Inglesa era considerado uma marca do elitismo. Os alunos pobres não podiam comprá-lo.

Não obstante o tempo que o professor perdia com a cópia de longos textos no quadro e da demora dos alunos em transcrevê-los para os seus cadernos, a inexistência do livro didático de Língua Inglesa dificultava o aprendizado desta língua, acentuando mais ainda a discrepância que se observava entre o número de horas exigido para trabalhar tais conteúdos com o tempo que restava ao professor e aos alunos depois de muitas horas de cópia de textos.

Hoje, com mais de 80 anos de atraso, o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) fez a seleção para a compra e o repasse às escolas de dois títulos de Língua Inglesa, pecando pela questão de conteúdos, uma vez que muito do que há nestes livros pode não corresponder à realidade dos alunos das escolas da rede pública de ensino.

Embora muitos livros didáticos não sejam devidamente adequados ao ensino da Língua Inglesa em determinados contextos socioculturais, a sua adoção e distribuição nas escolas através do PNLD marca um novo tempo, pois até 2011, o livro didático de Língua Inglesa era o único que não havia sido adotado pelo PNLD, desde a sua criação.

> [...] o fato de se distribuir gratuitamente entre os alunos o livro didático de todas as disciplinas, exceto o de língua estrangeira. Descaso? Desprezo? Ou desinformação?(..), o professor se vê obrigado a verdadeiros malabarismos financeiros e estratégicos para proporcionar aos alunos o material, geralmente fotocopiado, necessário ao estudo da disciplina. Que destino essas folhas avulsas tomam após a aula? Quem sabe? (NICHOLLS, 2001, 17)

Deve-se ressaltar que o PNLD 2011 só incluiu em seu Edital a seleção para a compra de livro didático de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental. Os alunos do Ensino Médio ainda continuam sem livro nas escolas públicas.

2.3 A questão do estímulo no ensino de uma língua estrangeira

Falar sobre a motivação e do quanto ela contribui para o aprendizado de uma língua é falar sobre a mola propulsora que leva o aluno a achar essa ou aquela disciplina importante ou não. Na ordem de conceder importância a um determinado conhecimento específico, três são os personagens primordiais nessa definição de prioridades: os pais, os professores e os próprios alunos, não precisamente nessa ordem, pois, para alguns, um ou outro pode ser de maior ou menor importância.

Como nossa pesquisa envolve o ambiente tradicional da escola, procuramos nos alunos e nos professores, principalmente nos últimos, as fontes de motivação para o caminhar em busca de um conhecimento.

Braghirolli (2000, *apud* SILVA, 2003) diz que a identificação de um motivo auxilia na compreensão do comportamento humano porque pode explicar, simultaneamente, várias atividades. Um mesmo comportamento pode ser resultado de vários motivos atuando ao mesmo tempo. Contudo, muitas vezes os motivos humanos são inconscientes, e o indivíduo não sabe qual o real motivo ou qual o objetivo a ser alcançado.

Segundo Barros (1989 *apud* SILVA, 2003), a motivação para a aprendizagem consiste em causar ou produzir a aprendizagem, estimular o aluno, despertar interesse ou entusiasmo pela e para a aprendizagem.

A motivação é, portanto, a fonte maior que faz com que um aluno queira se dedicar a um conhecimento visando, ao fim de sua busca, uma recompensa que o fará ou ascender socialmente ou compreender melhor o mundo ao seu redor ou outro motivo que o faça querer aprender, no caso em estudo, o idioma Inglês.

Num mercado globalizado, é necessário saber o mínimo de inglês para poder se manter em ligação com o mundo virtual. Quando joga *videogame* ou navega em diversos *sites* existentes na internet, este aluno, que na vida fora das salas de aula é um cidadão de tenra idade, percebe-se como excluído de um mundo cada vez mais plugado em que o idioma oficial é o inglês.

Esta imensa mola propulsora faz com que o idioma ainda seja considerado pela esmagadora maioria como de real importância para alcançar melhores posições na vida. Tudo isto pode gerar uma motivação para o aprendizado da Língua Inglesa. Sem motivação, os alunos não terão porque buscar tais conhecimentos.

2.4 A aprendizagem da língua inglesa em espaços apropriados

A sala de aula da escola do século XXI difere muito pouco ou quase nada, em alguns casos, daquelas de um tempo em que não havia televisão, internet, computador, *datashow*, aparelhos de DVD e acessórios de multimídia para audição de textos falados.

É sabido que não dá para se produzir bons resultados quanto ao ensino da oralidade de uma língua estrangeira numa sala de aula com mais de 20 alunos. Isto pode ser provado com o sucesso dos cursos livres de idiomas, nos quais nenhuma sala pode ultrapassar este número de alunos. E assim é em todo mundo.

Por outro lado, a própria Celani (2009) já apontara para este problema como o fator gerador do insucesso e da impossibilidade de se trabalhar a oralidade com salas de aulas numerosas e inadequadas.

Uma sala de aula apropriada para o ensino de línguas deveria ser mais compacta do que as salas de aula convencionais, dispor de mobiliário para o armazenamento de materiais didáticos ou equipamentos eletrônicos que pudessem transformar a sala de aula em laboratório de línguas, além de oferecer um ambiente aconchegante, como climatização e acústica apropriados.

Desta forma, o tamanho da sala de aula convencional e a sua disposição de carteiras impossibilita a sociointeração preconizada nos PCNs/LEM (1998).

2.5 O Tempo de aula e número de alunos por sala

Salas abarrotadas de alunos e um tempo pequeno de aula são fatores que entram na fórmula de grande parte do insucesso no ensino de idiomas no Brasil. A necessidade de fazer o máximo pelo menor custo, bases que permeiam o capitalismo moderno, também encontra eco nos patamares de ensino, pois reunir o máximo possível de alunos numa mesma sala não pode ser entendido de outra forma senão aliviar os cofres públicos de certas despesas com a contratação de mais profissionais da área. Sendo assim, com um número reduzido de professores de Inglês, os governos conseguem maquiar o ensino que é dado, fazendo com que haja a sensação de que algo está sendo feito pelo ensino quando na realidade, a prática não corresponde à teoria.

A este respeito, Ozório (2007) afirma que

> Com excesso de alunos em sala de aula o professor não tem espaço para que ele possa dar uma atividade diferente, na qual os alunos possam se movimentar, a configuração espacial das salas de aula parecem um ônibus – todos os alunos sentados virados para o professor que dirige o ônibus. Esse tipo de arranjo espacial é estranho já que se busca uma educação de qualidade e o envolvimento diretamente dos alunos no processo da aprendizagem. (p. 55)

Para o professor de uma escola comum, dar uma aula que contemple as quatro habilidades comunicativas é algo utópico, pois o sucesso encontrado nos cursinhos de Inglês no Brasil só foi possível porque as escolas públicas não podem conseguir os mesmos níveis que aqueles por não levarem em consideração um fator preponderante, o número de alunos ideal para o aprendizado da fala. É o que ressalta Alba Celani em entrevista dada a Revista Nova Escola:

> Nos Parâmetros Curriculares Nacionais *(PCNs)* de Língua Estrangeira, lançados em 1998, do qual sou co-autora, recomendamos a ênfase em leitura e escrita, considerando as situações do contexto brasileiro. Fomos massacrados. Diziam que a proposta era elitista, pois excluía a possibilidade de acesso do estudante ao desenvolvimento das quatro habilidades - ler, falar, escrever e com-preender. Mas como, sem preparo, o professor pode desenvolver a habilidade de fala com 50 crianças por classe em duas horas semanais? Agora, justamente as práticas de leitura e escrita aparecem como uma necessidade social. (NOVA ESCOLA, maio de 2009)

O feito alcançado por pouco tempo através da Reforma Capanema, que consistiu no aumento paulatino do número de horas no ensino de idiomas no Brasil tem sido esquecido. Assim, o desvalor do ensino do Inglês se confirma pelo número de horas-aula destinados ao ensino desta língua na atualidade.

3 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA VISÃO DOS ALUNOS

Na pesquisa empreendida entre os dias 09 e 13 do mês de junho de 2011, que teve como público-alvo alunos da rede pública estadual de Humaitá – Amazonas dos últimos anos do Ensino Médio destas instituições, foi aplicado um questionário composto por 5 questões para 100 alunos.

A primeira questão perguntava se o aluno gostava ou não de estudar o Inglês. Os resultados apresentados mostram que apenas 14% dos alunos disseram sim. Portanto, 86% dos alunos não gostam de estudar a Língua Inglesa.

Quando foram perguntados se gostariam de aprender o inglês num cursinho, 92% deles disseram que sim. Isto mostra o quanto a escola pública está desacreditada e que apenas 8% não estudariam esta língua fora da escola, o que não significa exatamente no percentual de alunos que acreditam no trabalho desenvolvido pela escola, mas tão somente ao percentual de alunos que não pretendem estudar inglês de nenhuma forma.

Quando perguntados se achavam importante o aprendizado deste idioma, as respostas colhidas foram: 98% sim e 02% não.

Na questão que perguntava qual a alternativa era mais importante para que o aprendizado da língua inglesa fosse eficiente, as respostas foram:

- Boa metodologia 26%
- Uma sala de aula mais apropriada e equipada com recursos de apoio 24%
- Mais quantidade de horas de aula por semana 22%
- Estímulo dado ao aluno para aprender a língua 20%
- Bom material didático 09%

Os alunos também revelaram suas preocupações ou preferências nas questões dissertativas diretas, expressando, assim, suas opiniões. Dentre outros dados, perguntados sobre o porquê de se estudar inglês, foram estas as respostas dadas: Falar bem com outros falantes, obter um emprego melhor remunerado, aprimorar os conhecimentos lingüísticos e conhecer mais a língua em foco, nessa ordem de importância.

Ao serem perguntados se achavam importante falar ou entender o idioma nos dias de hoje dando suas razões para as respostas eles assim fizeram em ordem de importância: emprego, uso num mundo globalizado e a Copa do Mundo no Brasil como as mais importantes.

Nas questões referentes ao maior problema enfrentado com o aprendizado da língua, as respostas foram: mal preparo dos professores, tempo escasso de aula, falta de interesse por parte do aluno, dificuldades no aprendizado, qualidade do livro didático e salas mal equipadas**.**

Na análise dos números obtidos percebe-se que a importância dada ao ensino de idiomas ainda é grande entre os alunos de ensino médio em Humaitá – Amazonas. Também é de fácil constatação que a grande maioria acha que Inglês

não se aprende na escola pública sendo preteria aos cursinhos tidos como eficazes no cumprimento desse papel. A importância dada na aprendizagem do idioma também foi confirmada com sobras.

Na afirmação mais importante, quando o aluno define o que realmente importa na hora de aprender o idioma, foi dado maior destaque à metodologia, à sala de apoio, tempo de aula e o estímulo como fundamentais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de nossa pesquisa confirmam que a realidade das escolas de Humaitá (AM) apontam para a impossibilidade de trabalhar todos os elementos apresentados neste estudo.

A metodologia com abordagem tradicional ainda é muito usada, a ausência de incentivo ao aprendizado, bem como os livros didáticos inapropriados ou mesmo inexistentes, espaços não compatíveis com o aprimoramento de conhecimento na área e, por fim, o tempo escasso aliado ao grande número de alunos, dizem a uma só voz que o modelo empregado no Brasil precisa ser repensado.

Olhar para o passado nem sempre é sinal de retrocesso, vendo o que aconteceu no tempo áureo do ensino de idiomas em solo nacional, pode-se tomar as iniciativas que farão com que o ensino da língua inglesa seja novamente uma vertente de sucesso, e que o aluno do ensino público possa, ao final de um ciclo de sete anos, como é hoje, poder se comunicar em língua inglesa nas quatro habilidades comunicativas, assim como o fazem no idioma português.

Não é necessário utopias, pois mesmo na língua em que nascemos, precisamos de um aprimorar constante, devemos esperar a mesma atitude em relação ao ensino da língua inglesa que deve proporcionar ao aprendiz um amplo leque de oportunidade num mundo cada vez mais globalizado.

5 REFERÊNCIAS

BARROS, Célia S. Guimarães. **Pontos de psicologia escolar**. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Estrangeira. Ensino Fundamental. Brasília: SEB/MEC, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: SEB/MEC, 2000..

CASTRO, César Augusto. **Produção e criação de livros no Brasil**: dos jesuítas (1550) aos militares (1970) Bibli.CI.Inform, Florianópolis, n.20, 2 sem. 2005. Disponível em: http://www.encontros-bibli.ufsc.br/edição20/6_castro.pdf acesso em 14 de junho de 2011

GERMAIN, C. **Evolution de l'enseignement des langues***:* 5000 ans d'histoire. Paris: Clé International,1993. (Col. Didactique des langues étrangères)

FERREIRA, Aurélio B de H. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa.

OZÓRIO. Verônica de Araújo. **Qualidade na área educacional**: monografia de curso de pós graduação em dificuldade de Aprendizagem. UERJ. 2003. Curitiba: Positivo, 2004

Revista Nova Escola, maio de 2009. Disponível em: http://www.revistaescola.abril.com.br Acesso feito em 5 de junho de 2011.

Revista Helb, ano de 2007. Disponível em:
História do Ensino de Línguas no Brasil Avanços e Retrocessos.mht Acesso feito em de junho de 2011.